

## Obreiros de Aruanda<sup>1</sup>

Aline FADLALAH<sup>2</sup>

Hozana FRAISLEBEN<sup>3</sup>

Natalia BOURGUIGNON<sup>4</sup>

Marcelo CASTANHEIRA<sup>5</sup>

Faculdades Integradas de São Pedro, Vitória, ES

### RESUMO

Obreiros de Aruanda é um vídeo documentário de 15 minutos sobre a religião Umbanda, enfocando principalmente a relação de seus participantes com ela. Foram entrevistadas quatro pessoas, três delas chefes de terreiro e uma participante. As captações de imagens foram feitas em três terreiros frequentados pelos entrevistados; a Tenda Umbandista Estrela dos Obreiros de Oxalá, o Grupo Fraternidade Luz do Caminho e a Tenda Umbandista Estrela Guia, todos em Vila Velha, Espírito Santo. O vídeo tem como objetivo principal, expor a experiência dos entrevistados nos terreiros, suas opiniões sobre o preconceito, a divulgação da religião e qual o significado da Umbanda para cada um.

**PALAVRAS-CHAVE:** vídeo documentário; umbanda; preconceito; religião

### 1 INTRODUÇÃO

Assim como Sílvia Da-Rin (2006), acreditamos que o documentário é uma representação de algum aspecto do mundo histórico. E neste trabalho procuramos representar através de um documentário audiovisual, o que é a religião Umbanda.

A Umbanda é uma religião relativamente recente. Os principais terreiros apareceram na década de 20, no Rio de Janeiro. Nos terreiros, além das referências ao espiritismo e às religiões africanas, é possível perceber elementos do Taoísmo, do Budismo Zen, do Hinduísmo, do Hermetismo, da Kaballah, do Cristianismo e da Alquimia.

Desde o surgimento essa religião foi proibida e até hoje sofre com os rótulos negativos criados pela sociedade. Da mesma forma que passamos a perceber a Umbanda com mais naturalidade, gostaríamos de proporcionar isso também para as pessoas.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade documentário em vídeo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo recém formado em Jornalismo na Faesa, email: alinefad@hotmail.com.

<sup>3</sup> Recém formado em Jornalismo na Faesa, email: zanaff@gmail.com.

<sup>4</sup> Recém formado em Jornalismo na Faesa, email: nataliasb.vix@gmail.com..

<sup>5</sup> Professor do Curso de Rádio e Tv, email: castanheira@aev.edu.br.

Para Paulo Baroukh, o documentário audiovisual é modificador das concepções pré-determinadas criadas pela comunidade envolvida no assunto em que ele aborda.

O documentário é uma poderosa ferramenta educacional, não só na transmissão do conhecimento como na formação da consciência crítica e fomentação de reflexão a respeito dos temas que apresenta. (BAROUKH, apud, FACUNDES; ZANDONADE, 2003, p. 41)

## **2 OBJETIVO**

Adeptos da Umbanda nos disseram que religião não se entende, mas se sente. Acreditamos que o documentário audiovisual é a melhor forma de mostrarmos com muito mais realidade os rituais, os sentimentos e a fé de cada participante.

Segundo Maria Tereza da Fonseca, professora de cinema na Universidade Metodista de Piracicaba, o gênero audiovisual pode proporcionar associações que levam aos sentidos e aos significados.

O audiovisual é um meio eficaz na mediação do processo de apropriação do conhecimento, porque comporta em sua composição vários elementos de níveis de linguagem. Assim, podem facilmente desencadear associações que levam aos sentidos e aos significados. (FONSECA, apud, FACUNDES; ZANDONADE, 2003, p. 41)

Não esperamos que esse trabalho mude a visão que as pessoas têm em relação Umbanda, seria muita pretensão. Pretendemos apenas expo-lá, de acordo com os participantes, e entender porque essa religião recente no Brasil sofre tanto preconceito. Para isso entrevistamos quatro umbandistas que possuem uma história de vida na religião e gravamos em três Terreiros, localizados em Vila Velha: Tenda Umbandista Estrela dos Obreiros de Oxalá, Grupo Fraternidade Luz do Caminho e Tenda Umbandista Estrela Guia.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O primeiro fator que nos estimulou a desenvolver o trabalho sobre a Umbanda foi a realização de uma pesquisa de campo experimental para a disciplina de Antropologia, no 5º período do Curso de Jornalismo. Na realização da pesquisa deveríamos escolher um grupo da sociedade que não conhecíamos, e a Umbanda era uma religião que nos despertava muita curiosidade, tudo o que sabíamos sobre esta era influenciado pelo senso comum. Por isso,

fizemos várias visitas ao Terreiro Grupo Fraternidade Luz do Caminho, na Barra do Jucu, em Vila Velha. Após várias visitas, passamos a conhecer melhor a doutrina e seus seguidores e nos “encantamos” com essa religião, que tem como objetivo a caridade. Após a apresentação da pesquisa de campo, enxergamos uma distorção feita pela sociedade em relação a Umbanda e isso nos intrigou muito, pois nossas experiências com o terreiro Grupo Fraternidade Luz do Caminho foram muito diferentes das ideias negativas que ouvíamos sobre a religião. Como o assunto interessava a todos os componentes do grupo e tínhamos vontade de estudar mais a fundo o tema, resolvemos fazer um vídeo documentário sobre a Umbanda como trabalho de conclusão de curso.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após a escolha do tema para o vídeo documentário, começou a busca por livros e outras publicações, na internet e na biblioteca, que falassem sobre a Umbanda. Encontramos de tudo, desde revistas e livros muito úteis e esclarecedores, até alguns que retratavam a Umbanda de forma preconceituosa. Ida Stumpf assim define a pesquisa bibliográfica

É um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2005, p.51)

Eva Maria Lakatos e Marina Marconi dizem que o objetivo da pesquisa bibliográfica é “colocar o pesquisador em contato com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 1995, p.14). Perceber os diversos pontos de vista permitiu que tivéssemos uma ideia geral sobre o que já havia sido pesquisado sobre essa religião e foi importante para começarmos a escolher a direção teórica que tomaríamos no trabalho.

Dentre a literatura específica sobre a Umbanda, destacamos um artigo escrito por Vagner Gonçalves da Silva, para a revista História Viva, onde ele explica um pouco sobre a doutrina da Umbanda; o texto *Herdeiras do Axé* de Reginaldo Prandi e uma entrevista concedida por Rubens Saraceni, pai de santo e estudioso da Umbanda à revista Caros Amigos. Dessas publicações retiramos os principais conceitos da Umbanda, assim como o aspecto histórico.

Como não tivemos, durante a graduação, aulas sobre documentário, procuramos nos livros entender um pouco sobre esse gênero do audiovisual. *Espelho Partido* de Sílvia Da-Rin e *Introdução ao documentário* de Bill Nichols foram obras importantes para termos uma boa base sobre esse gênero audiovisual, sua história e definições. Eles também foram fundamentais para decidirmos o tipo de documentário que queríamos fazer.

Outras literaturas também nos ajudaram a analisar melhor o nosso objeto e entender a relação da Umbanda com a sociedade. Dentre essas destacamos *O que faz do Brasil, Brasil?* de Roberto Da Matta, que nos ajudou a compreender a relação dos brasileiros com a religiosidade e a espiritualidade; e *O mal-estar da pós modernidade* de Zygmunt Bauman, onde ele explica o processo de exclusão e eliminação de tudo que é considerado “estranho” na sociedade pós-moderna, o que acreditamos acontecer com a Umbanda.

O vídeo documentário *Santo Forte*, de Eduardo Coutinho foi muito importante para analisarmos a questão da religiosidade nas comunidades carentes e ter como referência para edição e roteiro, visto que também se trata de um documentário sobre religião.

#### **4.2. Entrevista em profundidade**

Decidimos que a melhor forma de expor a Umbanda seria através de depoimentos de adeptos da religião. Na construção das entrevistas, escolhemos quatro participantes da Umbanda, três são médiuns que recebem as entidades que chefiam terreiros em que gravamos. A quarta entrevistada é médium em um dos terreiros.

As entrevistas foram realizadas como uma conversa: as perguntas eram feitas e o entrevistado tinha o tempo que quisesse para expor suas respostas. Assim como Nilson Lage descreve, a circunstância de realização da entrevista foi dialogal.

Marcada com antecipação, reúne o entrevistado e entrevistador em ambiente controlado- sentados, em geral, e, de preferência, sem a interveniência de um aparato (como uma mesa de escritório) capaz de estabelecer hierarquia [...] Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permiti-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados. (LAGE, 2002, p. 77)

As conversas com os entrevistados, mesmo aquelas realizadas antes da gravação, também foram fundamentais para a construção teórica do trabalho. Jorge Duarte classifica a entrevista em três tipos: aberta, semi-aberta e fechada. Para a captação dos depoimentos para o documentário escolhemos a entrevista aberta, descrita por Duarte como “essencialmente exploratória e flexível, não havendo seqüência predeterminada de questões ou parâmetros de resposta” (DUARTE, 2005, p.65).

Esse tipo de entrevista não tem geralmente um roteiro, apenas uma questão central a ser discutida e é aprofundada em determinados momentos de acordo com a percepção do entrevistador. Dessa forma, a resposta de uma pergunta leva à pergunta seguinte. O entrevistado “define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência” (DUARTE, 2005, p.65).

O modelo de entrevista que realizamos também se assemelha ao que Isabel Travancas (2005) descreve como entrevista etnográfica, principalmente porque tiveram muitas horas de duração e tinha como função contar a história de vida dos entrevistados. Outra semelhança é o tratamento dado às respostas obtidas. Procuramos não julgar ou desconfiar das informações dadas pelas fontes, apenas acreditamos que aquela era a verdade para as pessoas naquele momento. Segundo Travancas:

O entrevistador não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. [...] Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva. O próprio fato de um entrevistado não querer responder uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo, quanto uma resposta. (TRAVANCAS, 2005, p.103)

Nas entrevistas não procuramos só saber como é o cotidiano do entrevistado dentro dos centros, mas também como é a relação da Umbanda fora do contexto do terreiro. Buscamos saber como é a relação da religião com as suas famílias, se sofrem preconceito e como é lidar no dia a dia com a mediunidade.

Todas essas perguntas proporcionaram a representação do mundo do entrevistado, com um viés no tema em que abordamos. A partir desses temas iam surgindo outros questionamentos que faziam as entrevistas se estenderem por horas, tornando possível uma abordagem mais profunda da vida e da experiência de cada um deles.

Por ser um produto audiovisual, procuramos também captar aquilo que não era dito pelas fontes, mas que continha grande significado como os movimentos, ênfases, pausas, gestos e silêncios. “Os aspectos relacionados ao comportamento do entrevistado e o contexto da entrevista ajudam a complementar a informação semântica, aquilo que se torna explícito verbalmente” (DUARTE, 2005, p.74).

### **4.3. Observação participante**

Nossa pesquisa sobre a Umbanda não se ateve apenas aos livros e relatos, nós fomos à campo verificar como funcionavam os terreiros, como as pessoas se relacionavam e participamos de diversos rituais nos três terreiros visitados.

Segundo Cicília Peruzzo “a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.” (PERUZZO, 2005, p. 125)

A autora lista os comportamentos a serem adotados pelo pesquisador na pesquisa participante. Dentre eles, destacamos a interação com o grupo pesquisado e o comprometimento do pesquisador com os membros daquele grupo quanto às intenções e aos resultados da pesquisa.

Durante o período de observação, nós tomamos o passe, participamos do descarrego e nos consultamos com as entidades. Obedecemos às regras de cada terreiro quanto ao que vestir, onde pisar com ou sem sapato, de que lado se sentar e como se comportar durante as sessões. Sobre isso Peruzzo diz que na pesquisa participante “o investigador interage como membro. Além de observar ele se envolve, assume algum papel no grupo”. (PERUZZO, 2005, p. 137)

Assim como orienta Peruzzo (2005) a nossa participação nos terreiros para a pesquisa foi previamente discutida com os participantes da Umbanda. Nós expusemos as nossas intenções e objetivos para o trabalho e todas as entidades chefes dos terreiros concordaram em deixar que participássemos do grupo e fizéssemos as gravações necessárias. Também nos comprometemos a voltar aos terreiros pesquisados e entregar a eles o resultado do nosso trabalho.

Em cada um dos terreiros, nós conversamos não só com as nossas fontes, mas também com outros médiuns e outras pessoas que participavam dos rituais. Eles nos tratavam com naturalidade, porém, durante a captação das imagens, percebemos que por mais que não fosse a intenção, a nossa presença mudava de alguma forma a gira.

O pesquisador deve observar e saber que também está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual. Isso não quer dizer que ele também não deva ou não possa participar. (TRAVANCAS, 2005, p.103)

A Observação participante é um instrumento geralmente aplicado à estudos antropológicos. Porém, nesse trabalho, não só utilizamos as ferramentas da área, mas também nos sujeitamos as suas conseqüências, como explica Isabel Travancas:

O antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta por que as coisas não são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles “nativos”, quando e por que se enganam e muitas vezes se surpreendem perguntando por que as coisas na sua sociedade não são diferentes. (TRAVANCAS, 2005, p.102)

Nesta pesquisa procuramos entender a realidade daqueles que considerávamos que fossem muito diferentes de nós, mas percebemos que essa diferença não é tão grande assim. Todos têm suas histórias de vida, problemas, dúvidas e alegrias.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

**Título:** Obreiros de Aruanda

**Descrição:** Esse documentário coloca você em contato com uma religião genuinamente brasileira. Em depoimentos quatro participantes da Umbanda contam como é lidar com a mediunidade e o preconceito. Pirâmide, Cruz, Exu tranca-rua, cerveja, descarrego e Orixás, uma síntese cósmica explicada por quem vive a religião.

**Duração:** Aprox. 15 minutos

**Gênero:** Documentário

**Formato:** Vídeo

**Formato de gravação, padrão de gravação:** MiniDv

**Edição (sistema / software):** Não-linear – Adobe Premier CS3

**Roteiro, direção e edição:** Aline Fadlalah, Hozana Fraisleben e Natalia Bourguignon

**Cinegrafista ou câmera:** Aline Fadlalah, Hozana Fraisleben, Juane Vaillant, Natalia Bourguignon, Stéfani Merlin.

**Pesquisa e Produção:** Aline Fadlalah, Hozana Fraisleben e Natalia Bourguignon

**Finalização de áudio e vídeo:** Stéfani Merlin

**Destinatário (público alvo):** Todas as idades.

**Orientador:** Marcelo Castanheira

## 6 CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho foi um desafio. Não só porque o documentário é um gênero audiovisual que não estudamos durante a graduação, mas porque nenhuma de nós é umbandista. A Umbanda em sua riqueza de rituais e detalhes é grande demais pra ser olhada racionalmente. Religião não é razão, é emoção e fé... E não é possível explicar a fé.

De modo geral, “definir a religião” importa em substituir um inefável por outro - ou na substituição do incompreensível pelo desconhecido... Isso é verdade para as definições mais comuns, que servem principalmente para aplacar a consciência científica de sociólogos ansiosos por declarar a inclusão do inincluir. (BAUMAN, 1998, p. 206)

Quando escolhemos fazer um documentário sobre religião, e uma religião a qual não tínhamos nenhum vínculo, estávamos certas de que conseguiríamos fazer sem nos envolver, manteríamos a “imparcialidade jornalística”. No auge da nossa arrogância, chegamos a imaginar que iríamos nos terreiros, gravaríamos nossas imagens, entrevistaríamos as pessoas, tudo isso sem nos comprometermos, sem deixar que nada daquilo nos tocasse.

Mas se a Umbanda não tivesse nos tocado, nós provavelmente não a teríamos escolhido como nosso tema, e se mesmo assim tivéssemos, não teria sido esse nosso resultado final.



Nunca entramos na questão de acreditar ou não nos preceitos da Umbanda. Já partimos do pressuposto de que essa era a verdade. E diante de tudo o que vimos nunca tivemos motivos para duvidar que o que estava acontecendo não era de alguma forma, verdadeiro.

O documentário não é perfeito nem tecnicamente nem esteticamente, longe disso. Temos limitações técnicas por nunca termos feito um vídeo neste formato, mas por nossa opção participamos ativamente de todo o processo de produção do documentário, mesmo nos momentos em que sabíamos que não éramos as mais indicadas para certas funções. Por isso não contratamos um profissional para fazer a gravação e edição.

Queríamos participar do processo de transformação do nosso projeto desde o papel até a edição final do vídeo, e não ficar só observando isso acontecer. Contamos com ajuda na gravação, mas de estudantes, como nós. A única ajuda profissional foi na finalização do vídeo. Queríamos no final do trabalho ter a sensação que ele foi feito por nós, com todos os erros e acertos.

No decorrer do trabalho falamos sobre a modificação do nosso olhar sobre o tema. Essa modificação ocorreu por termos participado dos rituais, e não ficarmos só assistindo. Deixamos de lado o nosso preconceito sobre uma religião que também não conhecíamos e fomos a campo formar o nosso conceito sobre a Umbanda.

Ao terminarmos o trabalho nos demos conta de que a intolerância religiosa ainda é muito forte. Com esse documentário não pretendemos acabar com o preconceito, seria impossível, mas dar uma pequena contribuição para a desmistificação da Umbanda. Para que seus seguidores tenham preservado o direito à uma religião, e dela poder ser Umbandista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUNAM, Zygmunt. **O Mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- DA-RIN, Silvio Piropo. **Espelho Partido: tradição e transformação do documentário cinematográfico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2 ed.p.57 e 58. Rio de Janeiro: Record, 2002).
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2 a. ed., São Paulo, 1995.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 125-154.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 98-109.

ZANDONADE, Vanessa & FAGUNDES, Maria Cristina. **O vídeo-documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.html#foot3760> Acesso em: 30 de março de 2010.